

Conhecimento ecológico tradicional da comunidade de Limpo Grande sobre a vegetação, Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil

Traditional ecological knowledge of vegetation in the community of Limpo Grande, Várzea Grande, Mato Grosso, Brazil

Rodrigo Ferreira de Morais¹, Cintia Silva Serrano¹, Fernando Ferreira de Morais¹

¹Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". São Paulo, São Paulo, Brasil

¹Centro Universitário de Várzea Grande. Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil

Resumo: O estudo foi conduzido na comunidade de Limpo Grande, localizada a 23 km do município de Várzea Grande, Mato Grosso. Para verificar a possibilidade de os informantes organizarem o conhecimento ecológico tradicional da vegetação de acordo com uso o trabalho, buscou-se os seguintes objetivos: i) conhecer as espécies de cada domínio cultural indicado pelos informantes; ii) verificar a existência de consenso cultural para cada domínio cultural; iii) analisar a similaridade das espécies dos domínios culturais. Utilizou-se entrevista estruturada para obtenção dos dados da lista livre e dados socioeconômicos. A lista livre foi analisada por meio do índice de Smith, consenso cultural e escalonamento multidimensional. Os informantes definiram três domínios culturais com base no uso da vegetação: plantas (utilizadas para o cultivo), mato (vegetação nativa que apresenta diversos usos) e plantas medicinais (utilizadas para tratamento de enfermidades). O domínio cultural de plantas foi representado por 107 espécies; mato, por 96; e plantas medicinais, por 99 espécies. Para os três domínios, pode-se verificar a existência de consenso cultural. Verificou-se baixa similaridade entre as espécies dos domínios. Os critérios utilizados pelas comunidades tradicionais para uso e manejo da vegetação podem contribuir para elaboração de políticas públicas destinadas à conservação da biodiversidade ecológica e cultural.

Palavras-chave: Consenso cultural. Domínio cultural. Etnobotânica.

Abstract: This study was conducted in the community of Limpo Grande, located 23 km from the city of Várzea Grande, Mato Grosso, Brazil. In order to investigate the way informants organize traditional ecological knowledge of vegetation according to its use, our research had the following objectives: i) to identify the species of each cultural domain indicated by the informants; ii) check for cultural consensus within each cultural domain; iii) to analyze the similarity of the species of the cultural domains. We used structured interviews to obtain socioeconomic data and data from the free list. The free list was analyzed by means of the Smith index, cultural consensus and multidimensional scaling. Informants defined three cultural domains based on the use of vegetation, whether the plants are those used for cultivation, are medicinal plants used to treat diseases, or are considered native vegetation with several different uses. The domain of cultural plants is represented by 107 species, weeds by 96 species and medicinal plants by 99 species. For the three domains, the existence of cultural consensus can be verified. There was little similarity between species from different domains. The criteria used by traditional communities for vegetation management and use may contribute to the development of public policies for the conservation of ecological and cultural biodiversity.

Keywords: Cultural consensus. Cultural domain. Ethnobotany.

MORAIS, Rodrigo F.; SERRANO, Cintia S.; MORAIS, Fernando F. O conhecimento ecológico tradicional da comunidade de Limpo Grande sobre a vegetação, Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 10, n. 1, p. 65-83, jan.-abr. 2015. DOI: 10.1590/1981-81222015000100004.

Autor para correspondência: Rodrigo Ferreira de Morais. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biotecnologia. Departamento de Botânica. Av. 24 A, 1515 – Bela Vista. Rio Claro, SP, Brasil. CEP 13506-590 (morais_rf@yahoo.com.br).

Recebido em 09/08/2013

Aprovado em 13/04/2015



INTRODUÇÃO

As plantas possuem sempre uma grande importância em muitas culturas e são utilizadas para suprir necessidades básicas, como alimentação, vestuário, moradia e para fins medicinais (Vitalini *et al.*, 2009). Nesse sentido, a existência atual de muitas sociedades deve-se às conquistas dos seus ancestrais e, sem dúvida, entre elas está o manejo da diversidade vegetal (Thomas e Van Damme, 2010).

O manejo, a coleta e o consumo da vegetação são documentados em vários contextos culturais e ocorrem desde em áreas de agricultura intensiva até áreas mais intocadas, como as florestas, ilustrando a vasta importância e utilização das plantas em muitas sociedades humanas (Cruz-Garcia e Price, 2011). As comunidades tradicionais adotam práticas e estilo de vida relevantes para a proteção do ambiente e manutenção da diversidade biológica (Morais *et al.*, 2009; Giraldo e Hanazaki, 2010; Leonel, 2010; Zuchiwschi *et al.*, 2010). Formas de apropriação e criação do saber a respeito do seu ambiente natural geralmente ocorrem pelas práticas produtivas (Toledo, 1992).

O termo 'conhecimento ecológico tradicional' (CET) pode ser utilizado para se referir ao corpo cumulativo de conhecimento, prática e crença, que evolui por meio de processos adaptativos e passados através das gerações por transmissão cultural, acerca das relações entre os seres vivos e com seu ambiente (Berkes *et al.*, 2000). Neste contexto, a etnobotânica possibilita os estudos das interações e relações entre plantas e pessoas no tempo e no espaço, o que inclui o uso, conhecimento, crenças, sistemas de gestão, classificação e linguagem, tanto nas culturas modernas quanto nas tradicionais (Kauai Declaration, 2007).

Existe uma preocupação para conhecer e preservar as relações entre as espécies vegetais, as pessoas e o ambiente que se dá através do uso e do manejo da biodiversidade. A coleta de informações sobre as comunidades tradicionais é fundamental para a obtenção de características específicas de cada local de estudo, baseadas em seus aspectos culturais (Löbler *et al.*, 2014). Para Shackelford e Campbell (2007), o CET pode ser investigado para preencher lacunas no

conhecimento sobre as espécies consideradas importantes pelos pesquisadores, a fim de entender as práticas de gestão tradicionais e como estas contribuem para a conservação de recursos. Assim, são necessários estudos que registrem as práticas de manejo da vegetação, principalmente em face das rápidas mudanças socioeconômicas pelas quais passa a maioria das comunidades tradicionais (Hanazaki, 2004).

Para Caulkins e Hyatt (1999), o estudo do domínio cultural ajuda a entender não só as possíveis diferenças estruturais e processuais entre organizações, como também as mudanças ao longo do tempo. Estudos com este enfoque são importantes, pois às vezes tem-se uma ideia geral do domínio, mas não se sabe exatamente quais itens (grupo de espécies) pertencem a um determinado domínio, uma vez que ele pode variar entre as comunidades ou até mesmo entre os integrantes de uma comunidade (Cruz-Garcia e Price, 2011). O domínio cultural, de acordo com Vogl *et al.* (2004), é um grupo de elementos ou itens organizados conforme as regras ou critérios culturalmente determinados, por exemplo, o domínio de "plantas medicinais" ou "plantas cultivadas". Assim, a análise de consenso cultural mostra-se como uma grande promessa nas pesquisas que envolvem as ciências sociais, pois poderá auxiliar na investigação das estruturas cognitivas do conhecimento ecológico tradicional (Grant e Miller, 2004).

Trabalhos com objetivo de analisar o consenso cultural em comunidades pantaneiras foram realizados por Bertsch *et al.* (2006), que verificaram esse aspecto em relação a plantas medicinais utilizadas para tratamento de gado entre moradores de áreas urbana e rural; Galdino e da Silva (2007) analisaram a vegetação nativa utilizada por pescadores para construção de casas; Morais *et al.* (2009) e Morais e da Silva (2011) investigaram o conhecimento de pescadores a respeito de plantas cultivadas e nativas, respectivamente; Morais e da Silva (2010) analisaram o consenso de plantas frutíferas utilizadas na atividade da pesca. Estes estudos indicam que as comunidades utilizam critérios para organizar o domínio cultural e que a definição de suas fronteiras é de

fundamental importância para análise do CET, possibilitando uma melhor aplicabilidade em modelos de conservação e manejo da biodiversidade.

A hipótese deste trabalho é de que a comunidade de Limpo Grande organiza seu CET de acordo com o uso da vegetação. Para tanto, este estudo teve os seguintes objetivos: i) conhecer as espécies de cada domínio cultural indicado pelos informantes; ii) verificar a existência de consenso cultural para cada domínio cultural indicado pelos informantes; iii) verificar a similaridade entre as espécies dos domínios culturais.

MATERIAL E MÉTODOS

ÁREA DE ESTUDO

O Pantanal mato-grossense é uma depressão sazonalmente alagável, totalmente contida na bacia de drenagem do alto Paraguai e compreende aproximadamente 140.000 km² (Brasil, 1982, p. 640). Está situado no extremo oeste do território brasileiro e em Mato Grosso compreende os municípios de Poconé, Santo Antônio do Leverger, Cáceres, Barão de Melgaço e Nossa Senhora do Livramento.

O clima da região é do tipo AW, de acordo com classificação de Köppen, e apresenta duas estações bem definidas: seca (maio até setembro) e chuvosa (outubro a abril) (Cunha e Junk, 1999). A precipitação máxima chega a 1.384 mm no mês de janeiro, e a temperatura média anual é de 25 °C. O processo de inundação sazonal é dividido em quatro fases: enchente e cheia (outubro a abril), vazante e seca (maio a setembro) (Rebellato e Cunha, 2005).

A COMUNIDADE DE LIMPO GRANDE

Limpo Grande é uma comunidade pertencente ao distrito de Capão Grande e está a 23 km do centro de Várzea Grande. Na comunidade, residem cerca de 250 moradores com alto grau de parentesco. Ela foi desmembrada do município de Nossa Senhora do Livramento (Mato Grosso) com a criação do município de Várzea Grande e se firmou definitivamente a partir do governo de Getúlio Vargas.

As principais atividades econômicas são a agricultura familiar e o artesanato de redes. Os homens passam a maior parte do tempo em suas roças, mas também pescam e prestam trabalhos temporários em fábricas de cerâmicas ou em fazendas e, aos finais de semana, comercializam parte da produção. As mulheres são responsáveis pelo artesanato das redes, realizam trabalhos domésticos e ajudam os homens nas atividades agrícolas. A comunidade é conhecida pelas famosas redes cuiabanas e pelo cultivo de maxixe (*Cucumis anguria* L.). Os moradores conseguem preservar seus modos de vida, suas tradições, heranças de seus antepassados, festas religiosas, laços afetivos e de solidariedade.

COLETA DE DADOS

Logo após as primeiras visitas, o projeto foi apresentado ao presidente da comunidade; para os moradores interessados em participar da pesquisa foram mostrados os objetivos do trabalho. Quando consentida a participação, foi solicitado que eles assinassem um termo de consentimento livre e esclarecimento, segundo as exigências éticas do Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96).

O estudo foi realizado entre os meses de fevereiro a novembro de 2011, com visitas semanais. Foram entrevistados 20 informantes, indicados pelos moradores, sendo 17 do sexo feminino e três do sexo masculino, pertencentes a diferentes núcleos familiares e que não apresentam grau de parentesco, uma vez que, na comunidade, os moradores apresentam alto grau de parentesco. A idade dos informantes variou entre 25 e 73 anos. O número de informantes foi definido de acordo com Grant e Miller (2004), que sugerem que a amostragem pode variar de quatro a 30 informantes, quando a competência deles, estabelecida na análise de consenso, for superior a 0,50.

A técnica de entrevista estruturada foi utilizada para obtenção dos dados da lista livre (Weller e Romney, 1988), pois este tipo de entrevista fornece uma lista de itens que permite obter um claro entendimento da definição da fronteira de um CET. Esta técnica também foi utilizada para obtenção de dados socioeconômicos. Segundo Borgatti (1996b),

a lista livre é uma ferramenta eficiente para indicar quais itens pertencem a um domínio cultural.

Para a coleta e herborização do material botânico, seguiu-se o descrito por Fidalgo e Bononi (1989), em que somente foram incorporados materiais férteis no acervo didático do Herbário do Centro Universitário da Universidade de Várzea Grande (UNIVAG). A identificação foi feita com o auxílio de literatura especializada, consultas a especialistas e comparações com a coleção do Herbário da Universidade Federal de Mato Grosso. A nomenclatura utilizada foi a proposta pelo sistema de classificação Angiosperm Phylogeny Group III (APG III, 2009), e as sinônimas foram verificadas no site da lista das espécies da Flora do Brasil (Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013). A classificação do hábito foi realizada com base em consulta bibliográfica.

ANÁLISE DOS DADOS

A lista livre foi analisada pelo índice de saliência de Smith, consenso cultural e escalonamento multidimensional (Borgatti, 1996a), com o uso programa Anthropac 4.0 (Borgatti, 1996a).

Foi utilizado índice de Smith para obter a medida da saliência das espécies das listas livres (planta, mato e planta medicinal). Altos valores deste índice refletem alta frequência de citação e similaridade de ordenamento, que permite encontrar possíveis “quebras” ou rupturas entre um item e outro (Borgatti, 1996a).

A análise de consenso cultural das listas livres (planta, mato e planta medicinal) foi utilizada para verificar a existência de consenso para os domínios indicados e obtenção do valor de competência de conhecimento dos informantes para cada domínio. Nesta análise, o primeiro fator deve ser no mínimo três vezes maior do que o segundo, para que possa ser atribuído consenso entre os informantes (Borgatti, 1996a, 1996b). A análise de escalonamento multidimensional (NMDS) foi utilizada para verificar a ordenação dos informantes, com base na similaridade de suas respostas para cada domínio (Borgatti, 1996a, 1996b; Caulkins e Hyatt, 1999).

Para verificar a similaridade florística entre os domínios culturais, utilizou-se o diagrama de Venn, com cálculo do coeficiente de Jaccard, por meio de uma matriz de presença e ausência das espécies em cada domínio estudado.

RESULTADOS

Quando questionado aos informantes quanto ao uso da vegetação, pode-se verificar a existência de três domínios: planta, mato e planta medicinal. Os informantes definem como planta tudo aquilo que é utilizado para cultivo; mato, como vegetação nativa que cresce em ambientes naturais e pode apresentar diversos usos, entre alguns medicinais, cultivo e coleta de frutos. Verificou-se, no entanto, que uma planta que cresce em um ambiente natural pode ser considerada mato, e que mato cultivado em quintais ou roças pode ser considerado uma planta, conforme relatado nas entrevistas e segundo a coleta do material botânico. Plantas medicinais são as utilizadas para tratamento de enfermidades. Para tanto, foram aplicados três formulários, um questionando o conhecimento das plantas, outro sobre mato e o terceiro sobre plantas medicinais.

A lista livre do domínio cultural de plantas foi representada por 107 espécies, pertencentes a 45 famílias (Tabela 1). A análise do índice de saliência de Smith evidenciou cinco rupturas, sendo a primeira constituída por três espécies – caju (*Anacardium occidentale* L.), laranja (*Citrus x aurantium* L.) e manga (*Mangifera indica* L.); a segunda, por quatro espécies – limão (*Citrus x limon* (L.) Osbeck), pitomba (*Talisia esculenta* (Cambess.) Radlk.), goiaba (*Psidium guajava* L.) e acerola (*Malpighia glabra* L.); a terceira, por três espécies – banana (*Musa paradisiaca* L.), mamão (*Carica papaya* L.) e pocã (*Citrus reticulata* Blanco); a quarta, com 18 espécies; e na última ruptura concentram-se as demais espécies.

Para o domínio cultural de mato, a lista livre foi representada por 96 espécies, distribuídas em 43 famílias (Tabela 2). Por meio do índice de saliência de Smith, observaram-se cinco rupturas: a primeira constituída por duas espécies – simaneira (*Byrsonima crassifolia* (L.) H.B.K.)

e jacaré (*Myrcia albotomentosa* DC.); a segunda, por três espécies – lixeira (*Curatella americana* L.), quina (*Strychnos pseudoquina* A. St. Hil.) e coruba (*Alibertia edulis* (Rich.) A. Rich.); a terceira contempla três espécies – pequi (*Caryocar brasiliense* Camb.), pau-de-bicho (*Terminalia argentea* Mart.) e jatobá (*Hymenaea stigonocarpa* (Mart.) Hayne); a quarta, 15 espécies; e na quinta ruptura, as demais espécies.

A lista livre de plantas medicinais evidenciou que este domínio contemplou 99 espécies, distribuídas em 47 famílias (Tabela 3). O índice Smith apresentou seis rupturas, onde a primeira foi constituída por uma espécie – arruda (*Ruta graveolens* L.); a segunda ruptura contemplou duas espécies – norvonica (*Artemisia absinthium* L.) e quina (*Strychnos pseudoquina* A. St. Hil.); a terceira, com duas espécies – boldo (*Plectranthus* sp.) e hortelã (*Mentha piperita* L.); a quarta, com cinco espécies – camomila

(*Chenopodium ambrosioides* L.), erva de Santa Maria (*Chrysanthemum cinerariaefolium* (Trev.) Vis.), alecrim (*Anemopaegma arvense* (Vell) Stillfeld. ex. Souza), tapera (*Hyptis suaveolens* (L.) Poit.) e melão-de-são-caetano (*Momordica charantia* L.); a quinta, com 16 espécies; e as demais espécies constituíram a sexta ruptura.

A análise de consenso cultural permitiu verificar que os três domínios (planta, mato e planta medicinal) apresentaram consenso cultural, uma vez que o primeiro fator foi três vezes maior do que o segundo para os três domínios (Tabelas 4, 5 e 6), sendo este um dos critérios para caracterização do consenso. Pode-se verificar que os valores de probabilidades para que os domínios caracterizassem um consenso entre os informantes foram considerados elevados, bem como as médias de estimativas de conhecimento. Todos apresentaram médias superiores a 0,50.

Tabela 1. Lista livre do domínio cultural das plantas conhecidas pelos informantes da comunidade de Limpo Grande, município de Várzea Grande, Mato Grosso. Legendas: NV = nome vernacular; Fr% = porcentagem relativa de citações; R = posição média da citação; S = índice de saliência de Smith; Arb = arbórea; Arbt = arbusto, Sarbt = subarbusto; Her = herbácea; Lin = liana; NADU = número do acervo didático UNIVAG. (Continua)

NV	Família	Espécie	Hábito	Fr%	R	S	NADU
Caju	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Arb	13	5,2	0,509	1201
Laranja	Rutaceae	<i>Citrus x aurantium</i> L.	Arb	13	6,1	0,454	–
Manga	Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Arb	14	7,8	0,404	1380
Limão	Rutaceae	<i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	Arb	14	9,2	0,387	–
Pitomba	Sapindaceae	<i>Talisia esculenta</i> (Cambess.) Radlk.	Arb	13	8,3	0,365	1479
Goiaba	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Arb	10	6,5	0,335	1431
Acerola	Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Arbt	16	11,5	0,320	1377
Banana	Musaceae	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Her	9	9,3	0,231	–
Mamão	Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Arb	9	10,3	0,216	1247
Pocã	Rutaceae	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Arb	8	8,9	0,201	–
Boldo	Lamiaceae	<i>Plectranthus</i> sp.	Her	5	4,2	0,198	1419
Coco	Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Her	8	11,4	0,188	–
Jaca	Moraceae	<i>Artocarpus</i> sp.	Arb	6	8,8	0,175	–
Norvonica	Asteraceae	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Sarbt	5	6,4	0,172	1227
Abacate	Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Arb	7	10,7	0,170	1412
Camomila	Asteraceae	<i>Chrysanthemum cinerariifolium</i> (Trev.) Vis.	Her	4	3,7	0,161	–
Abóbora	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Lin	4	4,5	0,156	1283
Maxixe	Cucurbitaceae	<i>Cucumis anguria</i> L.	Lin	5	7,8	0,155	1295



Tabela 1.

(Continua)

NV	Família	Espécie	Hábito	Fr%	R	S	NADU
Ata	Annonaceae	<i>Annona squamosa</i> L.	Arb	8	9,1	0,151	1222
Jacote	Anacardiaceae	<i>Spondias purpurea</i> L.	Arb	5	9,4	0,148	1465
Cajamanga	Anacardiaceae	<i>Spondias dulcis</i> Parkinson	Arb	6	12,3	0,146	1484
Fruta-pão	Moraceae	<i>Artocarpus atilis</i> (Parkinson) Fosberg	Arb	4	8,7	0,131	–
Tamarino	Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i> L.	Arb	5	9,6	0,131	1482
Jabuticaba	Myrtaceae	<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	Arb	5	11,2	0,127	1420
Carambola	Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Arb	5	11,4	0,127	1233
Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Sarbt	3	3,7	0,122	–
Pepino	Cucurbitaceae	<i>Cucumis sativus</i> L.	Lin	4	9,0	0,121	1282
Quiabo	Malvaceae	<i>Hibiscus esculentus</i> L.	Arb	3	4,7	0,112	1327
Tarumã	Verbenaceae	<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng.	Arb	5	13,6	0,095	1489
Erva-de-santa-maria	Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Her	3	7,0	0,090	–
Quina	Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Arb	3	8,0	0,087	1471
Tapera	Lamiaceae	<i>Mesosphaerum suaveolens</i> (L.) Kuntze	Her	2	4,0	0,086	1395
Abacaxi	Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill	Her	3	7,7	0,085	–
Pequi	Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Arb	2	5,0	0,083	1251
Mangava	Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Arb	5	13,4	0,076	1319
Romã	Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Her	4	13,0	0,074	1433
Hortelã	Lamiaceae	<i>Mentha arvensis</i> L.	Her	2	6,0	0,069	1387
Manjeriço	Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Her	2	7,0	0,065	1409
Gariroba	Arecaceae	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Her	2	9,0	0,065	–
Ingá	Fabaceae	<i>Inga edulis</i> Mart.	Arb	3	11,0	0,064	1356
Fruta-de-veado	Sapotaceae	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	Arb	3	12,0	0,063	1424
Melão-de-são-caetano	Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i> L.	Lin	2	5,5	0,061	1396
Capim-cidreira	Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Arbt	2	8,5	0,054	–
Alecrim	Bignoniaceae	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stelfeld. ex Souza	Arbt	3	11,7	0,054	1216
Algodão	Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Arbt	1	1,0	0,050	1313
Gerbão	Verbenaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Sarbt	1	1,0	0,050	1467
Erva-mulá	Rubiaceae	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	Arb	2	9,5	0,048	1440
Pimentão	Solanaceae	<i>Capsicum annuum</i> L.	Her	2	6,0	0,046	1245
Canela	Lauraceae	<i>Cinnamomum verum</i> J. Presl	Arb	1	3,0	0,045	–
Arnica-do-cerrado	Asteraceae	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Sarbt	1	3,0	0,045	1461
Bocaiúva	Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Her	3	17,7	0,044	–
Veludeiro	Rubiaceae	<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schltdl.	Arb	3	16,0	0,044	1316
Morgota	Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Arb	1	4,0	0,043	–
Cana	Poaceae	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Her	3	12,3	0,043	–



Tabela 1.

(Continua)

NV	Família	Espécie	Hábito	Fr%	R	S	NADU
Caqui	Ebenaceae	<i>Diospyros kaki</i> L. f.	Arb	2	12,0	0,042	–
Jenipapo	Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	Arb	3	15,7	0,042	1311
Pulga-de-lagarto	Euphorbiaceae	<i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken	Arb	1	4,0	0,041	1359
Vagem	Fabaceae	Indeterminada	–	1	3,0	0,040	–
Melancia	Cucurbitaceae	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Lin	1	4,0	0,040	1263
Café	Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Variável	1	5,0	0,040	–
Maracujá	Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Lin	3	9,0	0,040	1411
Hortelã-da-várzea	Lamiaceae	<i>Mentha piperita</i> L.	Her	1	5,0	0,038	1389
Aspirina	Indeterminada	Indeterminada	–	1	6,0	0,038	–
Siputá	Hippocrateaceae	<i>Salacia elliptica</i> (Mart. ex Schult.) G. Don	Arb	2	15,0	0,038	1446
Jiló	Solanaceae	<i>Solanum aethiopicum</i> L.	Arb	1	5,0	0,037	1457
Arnica	Asteraceae	<i>Arnica montana</i> L.	Her	1	6,0	0,035	1224
Anador	Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> var. <i>stenophylla</i> Leon.	Her	1	7,0	0,035	1360
Tomate	Solanaceae	<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Her	1	6,0	0,033	1372
Cancerose	Euphorbiaceae	<i>Euphorbia</i> sp.	–	1	8,0	0,032	–
Pau-doce	Vochysiaceae	<i>Vochysia cinnamomea</i> Pohl	Arb	1	8,0	0,032	1491
Coroa-de-frade	Melastomataceae	<i>Mouriri elliptica</i> Mart.	Arb	1	11,0	0,032	1400
Figo	Moraceae	<i>Ficus carica</i> L.	Arb	2	16,0	0,032	1308
Coruba	Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich.	Arb	4	13,5	0,030	1204
Quebra-pedra	Euphorbiaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Her	1	8,0	0,029	1415
Olho-de-lobo	Ebenaceae	<i>Diospyros hispida</i> A. DC.	Arb	1	13,0	0,029	1294
Amora	Moraceae	<i>Morus nigra</i> L.	Arb	1	10,0	0,027	1393
Mandioca	Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Arbt	2	14,0	0,027	–
Aroeira	Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Arb	1	9,0	0,026	1403
Coroa	Cactaceae	Indeterminada	–	1	9,0	0,026	–
Jequitibá	Lecythidaceae	<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze	Arb	1	10,0	0,026	–
Roncador	Melastomataceae	<i>Mouriri guianensis</i> Aubl.	Arb	1	12,0	0,026	1401
Erva-cidreira	Lamiaceae	<i>Melissa officinalis</i> L.	Her	1	9,0	0,025	–
Cabelo-de-nego	Fabaceae	Indeterminada	–	1	11,0	0,021	–
Feijão	Fabaceae	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Her	1	12,0	0,021	1414
Grão-de-galo	Menispermaceae	<i>Abuta grandifolia</i> (Mart.) Sandwith	Her	1	13,0	0,021	1200
Graviola	Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	Arb	1	17,0	0,021	1221
Fruta-banana	Sapotaceae	<i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart.	Arb	2	16,5	0,020	1301
Sene	Fabaceae	<i>Senna</i> sp.	–	1	11,0	0,019	–
Mangava-brava	Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> A.St.-Hil.	Arb	1	12,0	0,018	1361
Milho	Poaceae	<i>Zea mays</i> L.	Her	1	11,0	0,017	–
Pêssego	Rosaceae	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	Arb	1	15,0	0,017	–



Tabela 1.

(Conclusão)

NV	Família	Espécie	Hábito	Fr%	R	S	NADU
Fruta-lobo	Solanaceae	<i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil.	Arbt	1	21,0	0,014	1458
Cará	Dioscoreaceae	<i>Dioscorea</i> sp.	Lin	1	12,0	0,013	–
Cenoura	Apiaceae	<i>Daucus carota</i> L.	Her	1	15,0	0,013	–
Cebola	Liliaceae	<i>Allium cepa</i> L.	Her	1	16,0	0,011	–
Batatinha	Solanaceae	<i>Solanum tuberosum</i> L.	Her	1	13,0	0,010	–
Sete-sangrias	Lythraceae	<i>Cuphea</i> sp.	–	1	15,0	0,009	–
Pimenta	Solanaceae	<i>Capsicum</i> sp.	Her	1	18,0	0,008	–
Arixicum	Annonaceae	<i>Annona dioica</i> A. St.-Hil.	Arbt	1	25,0	0,007	1219
Amendoim	Fabaceae	<i>Arachis hypogaea</i> L.	Her	1	14,0	0,007	1223
Quina-genciana	Fabaceae	<i>Leptolobium elegans</i> Vogel	Arb	1	14,0	0,007	1365
Fruta-de-morcego	Fabaceae	<i>Andira cuyabensis</i> Bth.	Arb	1	26,0	0,005	1214
Combaru	Fabaceae	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Arb	1	27,0	0,004	1297
Sucupira	Fabaceae	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Arb	1	17,0	0,003	1242
Manduvi	Malvaceae	<i>Sterculia striata</i> A. St.-Hil & Naudin	Arb	1	17,00	0,003	1469
Jucá	Fabaceae	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L. P. Queiroz	Arb	1	19,0	0,003	1367
Espada-de-são-jorge	Liliaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> var. <i>laurenti</i> (De Wild.) N. E. Br.	Her	1	20,0	0,002	–

Tabela 2. Lista livre do domínio cultural de mato conhecido pelos informantes da comunidade de Limpo Grande, município de Várzea Grande, Mato Grosso. Legendas: NV = nome vernacular; Fr% = porcentagem relativa de citações; R = posição média da citação; S = índice de saliência de Smith; Arb = arbórea; Arbt = arbusto; Her = herbácea; Lin = liana; NADU = número do acervo didático UNIVAG. (Continua)

NV	Família	Espécie	Hábito	Fr%	R	S	NADU
Simaneira	Malpighiaceae	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) H.B.K.	Arb	15	6,6	0,45	1243
Jacaré	Myrtaceae	<i>Myrcia albotomentosa</i> DC.	Arbt	12	5,7	0,40	1405
Lixeira	Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.	Arb	10	5,4	0,33	1287
Quina	Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Arb	8	4,9	0,31	1470
Coruba	Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich.	Arb	13	10,9	0,40	1205
Pequi	Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Arb	9	7,3	0,27	1251
Pau-de-bicho	Combretaceae	<i>Terminalia argentea</i> Mart.	Arb	9	8,3	0,25	1485
Jatobá	Fabaceae	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> (Mart.) Hayne	Arb	8	7,9	0,25	1331
Eucalipto	Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Arb	6	5,7	0,19	–
Cambará	Vochysiaceae	<i>Vochysia divergens</i> Pohl	Arb	5	4,4	0,17	1495
Mangava	Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Arb	7	7,4	0,17	1319
Coroa	Cactaceae	<i>Melocactus</i> sp.	Her	8	10,2	0,15	–
Embaúba	Moraceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Arb	7	9,0	0,15	1254
Combaru	Fabaceae	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Arb	6	10,3	0,15	1297
Mangava-brava	Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Arb	5	8,20	0,14	1361



Tabela 2.

(Continua)

NV	Família	Espécie	Hábito	Fr%	R	S	NADU
Siputá	Hippocrateaceae	<i>Salacia elliptica</i> (Mart. ex Schult.) G. Don	Arb	6	10,3	0,13	1446
Timbó	Sapindaceae	<i>Magonia pubescens</i> A. St.-Hil.	Arb	5	9,6	0,12	1375
Aroeira	Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Arb	3	3,3	0,12	1403
Tarumã	Verbenaceae	<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng.	Arb	4	8,0	0,12	1489
Paratudo	Bignoniaceae	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore	Arb	4	4,3	0,12	1477
Barbatimão	Fabaceae	<i>Stryphnodendron rotundifolium</i> Mart.	Arb	4	8,25	0,11	1473
Jenipapo	Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	Arb	7	13,1	0,10	1311
Hortelã	Lamiaceae	<i>Mentha piperita</i> L.	Her	2	1,5	0,09	1388
Mama-de-porca	Rutaceae	<i>Zanthoxylum rigidum</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	Arb	3	7,0	0,09	1498
Ingá	Fabaceae	<i>Inga edulis</i> Mart.	Arb	2	3,0	0,09	1356
Gariroba	Arecaceae	<i>Syagrus oleracea</i> Becc.	Her	5	12,2	0,08	–
Fruta-de-veado	Sapotaceae	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	Arb	3	7,3	0,08	1424
Olho-de-boi	Ebenaceae	<i>Diospyros hispida</i> A. DC.	Arb	3	9,3	0,08	1294
Gonçaleiro	Anacardiaceae	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	Arb	3	8,7	0,08	1232
Goiaba	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Arb	3	8,0	0,08	1430
Bocaiúva	Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Her	4	13,2	0,07	–
Majijum	Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Arb	2	6,0	0,07	1241
Veludeiro	Rubiaceae	<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. x Schtdl.	Arb	4	10,7	0,06	1316
Urucum	Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Arb	3	9,7	0,06	1236
Calonga	Simaroubaceae	<i>Simaba ferruginea</i> A. St.-Hil.	Arb	2	8,0	0,06	1453
Marmelada cascuda	Rubiaceae	<i>Cordia macrophylla</i> Kuntze.	Arbt	3	10,0	0,06	1277
Pau-terra	Vochysiaceae	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	Arb	3	8,7	0,06	1435
Marmelada-lisa	Rubiaceae	<i>Cordia sessilis</i> (Vell.) Kuntze	Arbt	3	10,3	0,06	1278
Folha-de-bugre	Indeterminada	Indeterminada	–	2	6,5	0,06	–
Fruta-lobo	Solanaceae	<i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil.	Arbt	3	12,0	0,05	1458
Espinheiro	Fabaceae	<i>Machaerium aculeatum</i> Raddii	Lin	2	8,5	0,050	1373
Ipê-rosa	Bignoniaceae	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	Arb	1	1,0	0,050	1323
Fruta-de-morcego	Fabaceae	<i>Andira cuyabensis</i> Bth.	Arb	1	1,0	0,05	1214
Arnica	Asteraceae	<i>Arnica</i> sp.	Her	1	1,0	0,05	–
Sete-sangrias	Lythraceae	<i>Cuphea</i> sp.	–	1	2,0	0,05	–
Hortelã-da-várgea	Lamiaceae	<i>Mentha</i> sp.	Her	1	2,0	0,05	–
Alecrim	Bignoniaceae	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld ex Souza	Arbt	1	2,0	0,05	1216
Café	Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Variável	1	2,0	0,05	–
Negramina	Monimiaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Arb	1	3,0	0,04	1456
Chico-magro	Malvaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Arb	3	9,7	0,04	1315
Angélica	Apocynaceae	<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.) Woodson	Arb	2	8,5	0,04	1328



Tabela 2.

(Continua)

NV	Família	Espécie	Hábito	Fr%	R	S	NADU
Ipê-branco	Bignoniaceae	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	Arb	1	2,0	0,04	1322
Tamarando	Combretaceae	<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler	Arb	1	3,0	0,04	1242
Cabrito	Rhamnaceae	<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reissek	Arb	2	11,0	0,04	1437
Melão-de-são-caetano	Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i> L.	Lin	1	4,0	0,04	1396
Nó-de-cachorro	Malpighiaceae	<i>Heteropterys tomentosa</i> A. Juss.	Arbt	1	5,0	0,04	1326
Hortelã-do-mato	Lamiaceae	<i>Hyptidendron canum</i> (Pohl ex Benth.) Harley	Her	1	3,0	0,04	–
Tamarino	Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i> L.	Arb	1	3,0	0,04	1482
Jucá	Fabaceae	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L. P. Queiroz	Arb	1	4,0	0,04	1367
Cedro	Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Arb	1	3,0	0,04	1256
Erva-mulá	Rubiaceae	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	Arb	1	5,0	0,04	1440
Acerola	Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Arbt	1	5,0	0,04	1376
Arixicum	Annonaceae	<i>Annona dioica</i> A. St.-Hil	Arbt	2	15,0	0,04	1220
Quebra-pedra	Euphorbiaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Her	2	6,0	0,04	1415
Celi	Indeterminada	Indeterminada	–	1	5,0	0,04	–
Carrapichinho	Indeterminada	Indeterminada	–	1	5,0	0,03	–
Orelha-de-burro	Malvaceae	<i>Luehea paniculata</i> Mart. & Zucc.	Arb	1	6,0	0,03	1371
Cajamanga	Anacardiaceae	<i>Spondias dulcis</i> Parkinson	Arb	1	6,0	0,03	1463
Perdiz	Simaroubaceae	<i>Simarouba versicolor</i> A. St.-Hil.	Arb	1	5,0	0,03	1455
Amécica	Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Arb	2	10,0	0,03	1426
Vassourinha	Rubiaceae	<i>Borreria quadrifaria</i> E. L. Cabral	Her	1	10,0	0,03	1238
Podolho	Phytolaccaceae	<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms.	Arb	1	10,0	0,03	1310
Jequitibá	Lecythidaceae	<i>Cariniana</i> sp.	Arb	1	7,0	0,03	–
Manga	Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Arb	1	7,0	0,03	1380
Jabuticaba	Myrtaceae	<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	Arb	1	10,0	0,02	1420
Fruta-banana	Sapotaceae	<i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart.	Arb	1	9,0	0,02	1301
Caninha-de-macaco	Costaceae	<i>Costus arabicus</i> L.	Her	3	15,3	0,02	1279
Jacote	Anacardiaceae	<i>Spondias purpurea</i> L.	Arb	1	5,0	0,02	1465
Caju	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Arb	1	8,0	0,02	1210
Erva-de-bicho	Polygonaceae	<i>Polygonum punctatum</i> Elliott	Her	2	12,5	0,02	1422
Pitomba	Sapindaceae	<i>Talisia esculenta</i> (Cambess.) Radlk.	Arb	1	7,0	0,02	1479
Tracacha-de-veado	Indeterminada	Indeterminada	–	1	10,0	0,02	–
Grão-de-galo	Menispermaceae	<i>Abuta grandifolia</i> (Mart.) Sandwith	Her	1	16,0	0,02	1200
Fruta-de-pomba	Combretaceae	<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Variável	1	11,0	0,02	1275
Angico	Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul	Arb	2	15,0	0,02	1212
Pau-doce	Vochysiaceae	<i>Vochysia cinnamomea</i> Pohl	Arb	1	13,0	0,01	1491
Araçá	Myrtaceae	<i>Psidium guineense</i> Sw.	Arb	1	19,0	0,01	1432



Tabela 2.

(Conclusão)

NV	Família	Espécie	Hábito	Fr%	R	S	NADU
Coco	Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Her	1	7,0	0,01	–
Limão	Rutaceae	<i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	Arb	1	11,0	0,01	–
Carvão-vermelho	Fabaceae	<i>Diptychandra aurantiaca</i> Tul.	Arb	1	17,0	0,010	1299
Carvão-branco	Vochysiaceae	<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	Arb	1	18,0	0,010	1244
Imbiricu	Bombaceae	<i>Pseudobombax tomentosum</i> (Mart. & Zucc.) A. Robyns	Arb	1	12,0	0,001	1429
Ipê-roxo	Bignoniaceae	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Arb	1	19,0	0,005	1324
Laranja	Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Arb	1	13,0	0,004	–
Prequiteira	Ulmaceae	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Arb	1	15,0	0,003	1486
Maracujá	Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims.	Lin	1	24,0	0,002	1410

Tabela 3. Lista livre do domínio cultural de plantas medicinais conhecidas pelos informantes da comunidade de Limpo Grande, município de Várzea Grande, Mato Grosso. Legendas: NV = nome vernacular; Fr% = porcentagem relativa de citações; R = posição média da citação; S = índice de saliência de Smith; Arb = arbórea; Arbt = arbusto; Sarbt = subarbusto; Her = herbácea; Lin = Liana; NADU = número do acervo didático UNIVAG.

(Continua)

NV	Família	Espécie	Hábito	Fr%	R	S	NADU
Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Sarbt	14	4,8	0,508	–
Norvonica	Asteraceae	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Sarbt	14	7,3	0,421	1227
Quina	Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Arb	12	5,6	0,418	1470
Boldo	Lamiaceae	<i>Plectranthus</i> sp.	Her	11	4,5	0,397	1419
Hortelã	Lamiaceae	<i>Mentha piperita</i> L.	Her	9	4,6	0,339	1388
Erva-de-santa-maria	Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Her	9	6,8	0,294	1258
Camomila	Asteraceae	<i>Chrysanthemum cinerariifolium</i> (Trev.) Vis.	Her	10	7,8	0,281	1260
Alecrim	Bignoniaceae	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld. ex. Souza	Arbt	6	4,7	0,234	1216
Tapera	Lamiaceae	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Her	6	5,7	0,215	1334
Melão-de-são-caetano	Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i> L.	Lin	7	7,4	0,209	1396
Velaime	Apocynaceae	<i>Mandevilla longiflora</i> (Desf.) Pichon	Lin	6	8,5	0,167	1379
Gerbão	Verbenaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Her	5	5,7	0,146	1473
Vassourinha	Rubiaceae	<i>Borreria quadrifaria</i> E. L. Cabral	Sarbt	6	9,7	0,142	1238
Caninha-de-macaco	Costaceae	<i>Costus arabicus</i> L.	Her	5	9,6	0,129	1279
Cancerose	Euphorbiaceae	<i>Euphorbia</i> sp.	–	7	10,4	0,127	–
Erva-de-bicho	Polygonaceae	<i>Polygonum punctatum</i> Elliott	Her	4	6,2	0,126	1422
Quina-genciana	Fabaceae	<i>Leptolobium elegans</i> Vogel	Arb	4	9,0	0,113	1365
Caiapia	Moraceae	<i>Dorstenia asaroides</i> Gardner ex Hook.	–	4	9,0	0,113	–
Quebra-pedra	Euphorbiaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Her	4	7,7	0,111	1415



Tabela 3.

(Continua)

NV	Família	Espécie	Hábito	Fr%	R	S	NADU
Arnica	Asteraceae	<i>Arnica</i> sp.	Her	4	9,0	0,108	–
Eucalipto	Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Arb	3	5,7	0,108	–
Calonga	Simaroubaceae	<i>Simaba ferruginea</i> A. St.-Hil.	Arb	3	5,7	0,107	1453
Malva	Malvaceae	<i>Malva erecta</i> J. Presl & C. Presl	Her	5	11,2	0,104	1378
Perpétua	Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kuntze	Her	3	5,7	0,102	1208
Pau-doce	Vochysiaceae	<i>Vochysia cinnamomea</i> Pohl	Arb	4	8,7	0,100	1491
Jatobá	Fabaceae	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> (Mart.) Hayne	Arb	3	6,3	0,100	1330
Sete sangrias	Lythraceae	<i>Cuphea</i> sp.	–	4	10,5	0,099	–
Sene	Fabaceae	<i>Senna</i> sp.	–	3	8,7	0,095	–
Angélica	Apocynaceae	<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.) Woodson	Arb	4	8,2	0,094	1328
Romã	Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Arbt	4	9,5	0,093	1433
Hortelã-vagea	Lamiaceae	<i>Mentha</i> sp.	Her	3	6,3	0,093	–
Babosa	Liliaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	Her	4	8,5	0,092	1207
Algodão	Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Sarbt	5	10,4	0,090	1313
Capim-cidreira	Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Her	4	6,7	0,084	–
Terramicina	Amaranthaceae	<i>Alternanthera puberula</i> D.	Her	3	7,7	0,082	1208
Poejo	Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Her	3	5,7	0,081	1391
Assa-peixe	Asteraceae	<i>Vernonanthura brasiliana</i> (L.) H. Rob.	Her	3	9,3	0,078	1487
Embaúva	Moraceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Arb	2	6,5	0,069	1254
Mangava-brava	Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Arb	2	5,0	0,068	1361
Colônia	Zingiberaceae	<i>Renalmia alpinia</i> (Rottb.) Maas	Her	3	11,3	0,065	–
Ponta-alívio	Asteraceae	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Her	2	8,5	0,062	–
Cordão-de-são-francisco	Lamiaceae	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br	Her	2	8,0	0,054	1364
Rosa-branca	Rosaceae	<i>Rosa</i> sp.	Sarbt	2	7,5	0,054	–
Espinheiro	Fabaceae	<i>Machaerium aculeatum</i> Raddi	Lin	2	9,0	0,053	1373
Erva-mulá	Rubiaceae	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	Arb	4	11,5	0,050	1440
Mama-de-porca	Rutaceae	<i>Zanthoxylum rigidum</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	Arb	2	9,5	0,050	1498
Cambará	Vochysiaceae	<i>Vochysia divergens</i> Pohl	Arb	1	1,0	0,050	1495
Agrião	Brassicaceae	<i>Rorippa nasturtium</i> Scop.	Her	1	2,0	0,046	–
Paratudo	Bignoniaceae	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore	Arb	3	12,7	0,045	1477
Hortelã-do-campo	Lamiaceae	<i>Hyptis crenata</i> Pohl	Her	1	2,0	0,044	1333
Arnica-do-campo	Asteraceae	<i>Solidago chilensis</i> Meyen.	Sarbt	2	4,0	0,042	1461
Erva-doce	Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill	Her	1	5,0	0,040	–



Tabela 3.

(Continua)

NV	Família	Espécie	Hábito	Fr%	R	S	NADU
Erva-cidreira	Lamiaceae	<i>Melissa officinalis</i> L.	Her	2	8,5	0,039	1384
Capim-gordura	Poaceae	<i>Melinis minutiflora</i> P. Beauv.	Her	2	12,0	0,038	–
Pata-de-vaca	Fabaceae	<i>Bauhinia unguolata</i> L.	Arbt	1	5,0	0,035	1234
Feijão-andu	Fabaceae	<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	Her	1	6,0	0,034	1292
Pulga-de-lagarto	Euphorbiaceae	<i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken	Arb	2	13,0	0,033	1358
Mangava	Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Arb	2	11,0	0,033	1319
Fedegoso	Fabaceae	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Sarbt	2	11,5	0,033	1450
Pé-de-anta	Bignoniaceae	<i>Zeyra</i> sp.	Her	1	6,0	0,033	–
Girassol	Asteraceae	<i>Helianthus annuus</i> L.	Her	1	7,0	0,033	1325
Manjerona	Lamiaceae	<i>Origanum vulgare</i> L.	Her	1	10,0	0,029	–
Carrapichinho	Asteraceae	Indeterminada	–	2	13,0	0,028	–
Guiné	Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Her	2	11,0	0,028	1413
Palmolive	Indeterminada	Indeterminada	–	1	9,0	0,028	–
Chapéu-de-couro	Alismataceae	<i>Echinodorus subulatus</i> Mart. Englm	Her	3	13,3	0,027	1303
Figatil	Asteraceae	<i>Vernonanthura phosphorica</i> (Vell.) H. Rob.	Sarbt	1	7,0	0,027	1488
Flor-amazônica	Asteraceae	Indeterminada	–	2	14,5	0,026	–
Jarara	Indeterminada	Indeterminada	–	1	12,0	0,024	–
Calção-de-velho	Boraginaceae	<i>Cordia insignis</i> Cham.	Sarb	2	15,5	0,021	1276
Limão	Rutaceae	<i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	Arb	2	12,0	0,021	–
Vick	Lamiaceae	<i>Mentha spicata</i> L.	Her	1	8,0	0,021	1394
Curaleira	Indeterminada	Indeterminada	–	1	12,0	0,019	–
Tamarino	Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i> L.	Arb	1	9,0	0,019	1482
Quina-grande	Loganiaceae	Indeterminada	–	1	10,0	0,018	–
Picão-branco	Asteraceae	<i>Bidens gardneri</i> Backer	Her	1	11,0	0,017	1235
Mata-passo	Fabaceae	<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	Arbt	1	13,0	0,017	1449
Lixeira	Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.	Arb	1	8,0	0,015	1287
Milho-de-tucura	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	Her	1	10,0	0,015	1370
Manjeriço	Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Her	1	8,0	0,015	1407
Cedro	Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Arb	1	10,0	0,015	1256
Três-folhas	Indeterminada	Indeterminada	–	1	12,0	0,013	–
Dipirona	Indeterminada	Indeterminada	–	1	7,0	0,013	–
Amécica	Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Arb	1	11,0	0,012	1426
Quina-doce	Vochysiaceae	<i>Vochysia cinnamomea</i> Pohl	Arb	1	11,0	0,012	1491
Veludeiro	Rubiaceae	<i>Guettarda viburnoides</i> Cham & Schltldl	Arbt	1	15,0	0,011	1316
Doradinho	Sterculiaceae	<i>Waltheria</i> sp.	Arbt	2	15,5	0,010	–
Barbatimão	Fabaceae	<i>Stryphnodendron rotundifolium</i> Mart.	Arb	1	9,0	0,010	–
Coroa	Cactaceae	Indeterminada	–	1	16,0	0,008	–



Tabela 3.

(Conclusão)

NV	Família	Espécie	Hábito	Fr%	R	S	NADU
Branda-mundo	Indeterminada	Indeterminada	–	1	19,0	0,007	–
Jucá	Fabaceae	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L. P. Queiroz	Arb	1	20,0	0,007	1367
Urucum	Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Arb	1	15,0	0,006	1236
Favinha	Fabaceae	Indeterminada	–	1	21,0	0,005	–
Raiz-de-bugre	Cucurbitaceae	<i>Cayaponia</i> sp.	Lin	1	18,0	0,005	–
Pitomba	Sapindaceae	<i>Talisia esculenta</i> (Cambess.) Radlk.	Arb	1	20,0	0,005	1479
Doradão	Indeterminada	Indeterminada	–	1	15,0	0,003	–
Cabelo-de-nego	Fabaceae	Indeterminada	–	1	15,0	0,003	–
Marcela	Asteraceae	Indeterminada	–	1	15,0	0,003	–
Jequitibá	Lecythidaceae	<i>Cariniana</i> sp.	Arb	1	22,0	0,002	–

Tabela 4. Análise de consenso cultural e estimativa de conhecimento dos informantes referente ao domínio cultural de planta, comunidade de Limpo Grande, Várzea Grande, Mato Grosso. Legendas: P = probabilidade; MC = média de estimativa de conhecimento.

Fator	Valor	Razão	Informantes	Estimativa do conhecimento
1	11,44	14,84	A	0,84
2	0,77	1,62	B	0,61
3	0,48		C	0,83
P = 0,96 MC = 0,75 ± 0,08			D	0,79
			E	0,91
			F	0,75
			G	0,75
			H	0,83
			I	0,75
			J	0,59
			L	0,66
			M	0,64
			N	0,81
			O	0,77
			P	0,73
			Q	0,75
			R	0,75
			S	0,81
			T	0,81
		U	0,72	

Tabela 5. Análise de consenso cultural e estimativa de conhecimento dos informantes referente ao domínio cultural de mato, comunidade de Limpo Grande, Várzea Grande, Mato Grosso. Legendas: P = probabilidade; MC = média de estimativa de conhecimento.

Fator	Valor	Razão	Informantes	Estimativa do conhecimento
1	11,47	17,19	A	0,75
2	0,67	1,26	B	0,77
3	0,53		C	0,77
P = 0,96 MC = 0,75 ± 0,09			D	0,52
			E	0,86
			F	0,67
			G	0,78
			H	0,79
			I	0,78
			J	0,61
			L	0,64
			M	0,61
			N	0,82
			O	0,82
			P	0,73
			Q	0,79
			R	0,78
			S	0,89
			T	0,82
		U	0,83	



Tabela 6. Análise de consenso cultural e estimativa de conhecimento dos informantes referente ao domínio cultural de planta medicinal, comunidade de Limpo Grande, Várzea Grande, Mato Grosso. Legendas: P = probabilidade; MC = média de estimativa de conhecimento.

Fator	Valor	Razão	Informantes	Estimativa do conhecimento
1	11,27	18,57	A	0,67
2	0,61	1,40	B	0,76
3	0,43		C	0,61
			D	0,76
P = 0,97			E	0,81
MC = 0,74 ± 0,07			F	0,73
			G	0,76
			H	0,74
			I	0,71
			J	0,57
			L	0,79
			M	0,67
			N	0,74
			O	0,84
			P	0,77
			Q	0,69
			R	0,83
			S	0,87
			T	0,76
			U	0,81

Na análise de escalonamento multidimensional (NMDS) para o domínio de plantas, foi possível verificar a formação de três grupos, sendo o primeiro composto por 17 informantes, o segundo por dois (S e J) e o terceiro somente por um informante (M) (Figura 1A). Para o domínio cultural de mato, a análise de NMDS evidenciou a formação de um grupo composto por 17 informantes e outro por três (P, O e A) (Figura 1B). Para plantas medicinais, foi possível verificar a formação de um grupo constituído por 17 informantes, que apresentou três informantes isolados (L, J e M) (Figura 1C).

O índice de similaridade de Sorensen indicou baixa similaridade entre os domínios estudados (Figura 2).

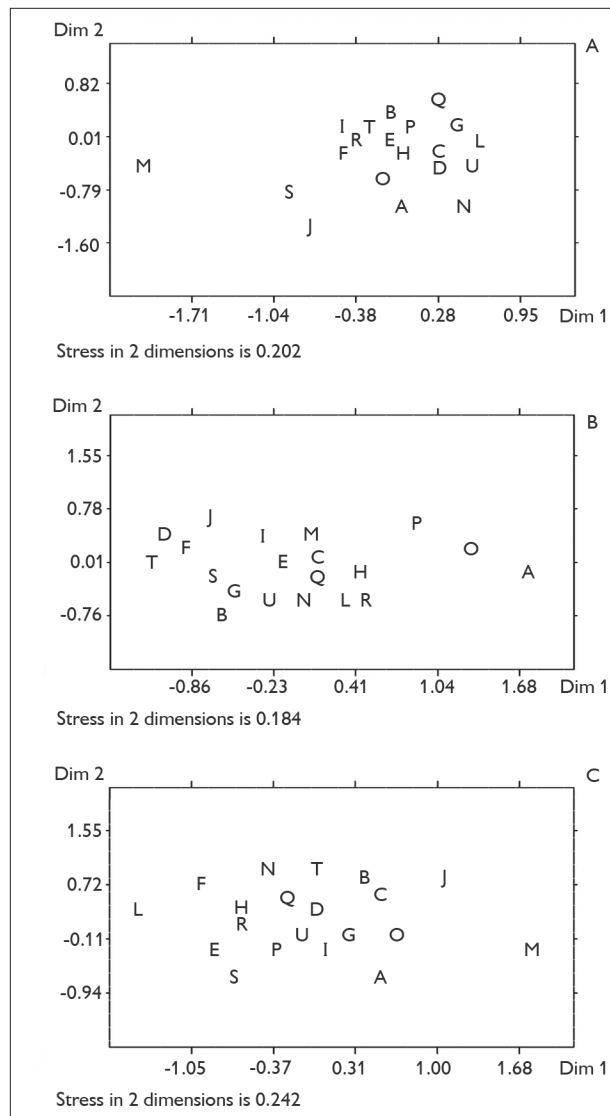


Figura 1. Diagrama de escalonamento multidimensional para ordenação dos informantes de acordo com as respostas para os domínios de planta (A), mato (B) e planta medicinal (C), comunidade Limpo Grande, Várzea Grande, Mato Grosso.

O número de espécies comuns entre os domínios culturais foi baixo (18 espécies) e a maior similaridade foi entre os domínios planta e mato, que apresentaram 25 espécies em comum e similaridade de $J = 0,30$. A menor similaridade foi entre planta e planta medicinal, com 13 espécies comuns ($J = 0,21$). A lista de espécies comuns entre os domínios está apresentada na Tabela 7.

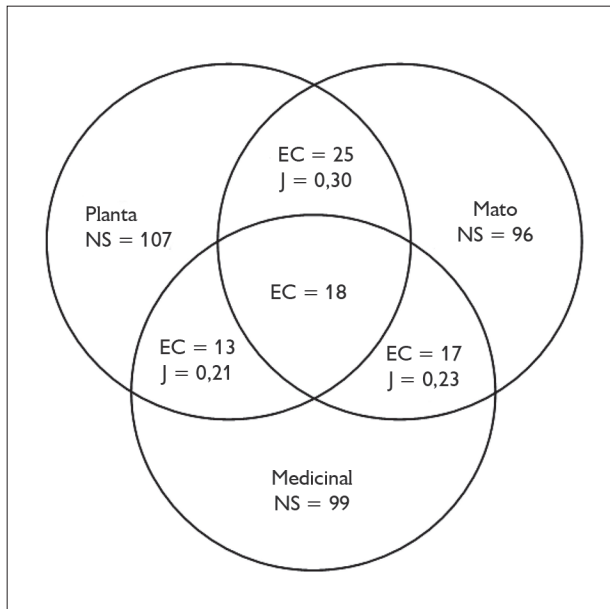


Figura 2. Diagrama de Venn para os domínios culturais estudados (planta, mato e planta medicinal) na comunidade de Limpo Grande, município de Várzea Grande, Mato Grosso (NS – número de espécies, EC – número de espécies em comum, J – índice de similaridade de Sorensen).

Tabela 7. Lista de espécies comuns entre os domínios planta, mato e planta medicinal da comunidade de Limpo Grande, Várzea Grande, Mato Grosso. (Continua)

Comuns aos três domínios	Planta/mato	Planta/medicinal	Mato/medicinal
Alecrim	Acerola	Algodão	Amecia
Arnica	Arixicum	Arruda	Angélica
Coroa	Aroeira	Boldo	Barbatimão
Erva-mulá	Bocaiúva	Cabelo-de-nego	Colanga
Hortelã	Café	Camomila	Cambará
Jequitibá	Cajamanga	Cancerose	Caninha-de-macaco
Jucá	Caju	Capim-cidreira	Carrapicho
Limão	Coco	Erva-cidreira	Cedro
Magava	Cumbaru	Erva-de-santa-maria	Embaúva
Mangava-brava	Coruba	Manjerição	Erva-de-bicho

Tabela 7. (Conclusão)

Comuns aos três domínios	Planta/mato	Planta/medicinal	Mato/medicinal
Melão-de-são-caetano	Fruta-banana	Pulga-de-largato	Espinheira
Pau-doce	Fruta-morcego	Quina-genciana	Eucalipto
Pitomba	Fruta-lobo	Tápera	Jatobá
Quebra-pedra	Goiaba		Lixeira
Quina	Grão-de-galo		Mama-de-porca
Sete-sangrias	Ingá		Paratudo
Tamarindo	Jaboticaba		Urucum
Veludeiro	Jacoti		
	Jenipapo		
	Laranja		
	Maracujá		
	Olho-de-boi		
	Pequi		
	Seputa		
	Tarumã		

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Para a comunidade de Limpo Grande, o uso da vegetação é um critério adotado com a finalidade de definir os domínios culturais. Pode-se, assim, definir três domínios: planta, mato e planta medicinal. Segundo Weller (2007), antes de inferir sobre a existência de um determinado domínio, deve-se fazer uma série de perguntas aos informantes sobre o domínio que se pretende estudar, pois, de acordo com Berkes *et al.* (2000), a análise do CET não se restringe somente à observação das espécies e fenômenos ambientais, mas também à forma como as pessoas desenvolvem suas atividades de uso dos recursos e, ainda, às crenças a respeito de como as pessoas se relacionam com os ecossistemas.

Nesse sentido, a análise do domínio em um contexto mais amplo (por exemplo, como a vegetação é classificada pelos informantes) seria uma alternativa para inferir sobre

domínios culturais mais específicos, como os deste trabalho, permitindo, assim, um melhor entendimento da estrutura cognitiva do conhecimento desta comunidade. De acordo com Borgatti (1996a), um ponto de partida para se obter um domínio seria pedir que os informantes listassem todas as espécies pertencentes a um grupo, partindo do pressuposto de que somente serão consideradas aquelas que existem tanto na linguagem quanto no ambiente. Morais *et al.* (2009), por exemplo, verificaram que o domínio cultural de plantas cultivadas por pescadores do Pantanal é estruturado em dez categorias de uso, e Galdino e da Silva (2007) indicaram três domínios culturais em relação ao uso da vegetação para edificação de casas pantaneiras, sendo: "madeira de chão" (espécies usadas na composição da parede de pau-a-pique), "madeira de cima" (madeiramento de cobertura) e "palha" (cobertura).

O índice de saliência de Smith evidenciou que o uso é importante no estabelecimento e na estruturação dos três domínios. Com base nos relatos dos moradores, pode-se inferir que, para o domínio das plantas na primeira ruptura, constam as espécies utilizadas para o comércio e fabricação de doces, e na segunda e terceira estão aquelas utilizadas na alimentação e como medicinais. Para o domínio de mato, na primeira ruptura, constam as utilizadas como lenha; na segunda, as espécies medicinais e alimentares; e as demais rupturas apresentam usos diversos. No domínio de plantas medicinais, as rupturas estão relacionadas ao uso para o tratamento de determinadas enfermidades ou com o local de coleta (roças, quintais e ambientes naturais).

Assim, vale ressaltar que este estudo corrobora as pesquisas que investigaram o conhecimento ecológico tradicional sobre o uso da vegetação em várias regiões do Brasil, como: Silva *et al.* (2014), na caatinga; Pereira *et al.* (2012) e Moreira e Guarim-Neto (2009), no cerrado, que verificaram o conhecimento dos diversos usos da vegetação nativa; Vásquez *et al.* (2014), na Amazônia; Freitas *et al.* (2012), no Nordeste; Jesus *et al.* (2009), no Pantanal, analisaram o conhecimento do uso de plantas medicinais; Amaral e Guarim-Neto (2008) realizaram estudo do conhecimento

de plantas cultivadas em quintais urbanos de Mato Grosso; e Morais e da Silva (2011) avaliaram o conhecimento sobre plantas cultivadas por pescadores do Pantanal. No entanto, estes trabalhos, com exceção do último, não estabelecem critérios para verificarem se o conhecimento é consensual ou divergente entre os informantes.

Na comunidade Limpo Grande, os três domínios culturais apresentaram consenso cultural, e altos valores de estimativas de conhecimento devem-se à elevada concordância das respostas entre os informantes. Estes resultados reforçam ainda a hipótese de que o domínio cultural da comunidade é definido pela forma de uso. Para Borgatti (1996a), um domínio típico tem um conjunto de itens (por exemplo, espécies) mencionados por muitos informantes e, para Caulkins e Hyatt (1999), esta lista fornece uma visão dos padrões de concordância e discordância relativas a um domínio entre os indivíduos dentro de um contexto social específico, que permite inferir sobre a existência de uma cultura homogênea ou diversificada. Weller (2007) indica que a competência cultural é a experiência cultural de cada indivíduo em relação a um conjunto de perguntas, que indica a proporção de itens que cada pessoa conhece, sendo uma simples descrição sobre o que os informantes sabem a respeito de um determinado domínio.

A alta concordância das respostas dos informantes pode ser visualizada na análise de NMDS. O fato de alguns informantes estarem ordenados separadamente pode estar relacionado à idade e às experiências de vivências pessoais. Um deles é o mais idoso e reside há 15 anos na comunidade (este informante ficou isolado em dois domínios); um segundo informante é o mais jovem, e outro é presidente da comunidade. Para Caulkins e Hyatt (1999), organizações com padrão de vida rotineiro e bem estabelecido geralmente apresentam elevado consenso cultural. Ao se investigarem os informantes isoladamente, diferenças na conformidade das respostas podem ser atribuídas, por exemplo, às diferentes experiências de vida, como indicado por Morais e da Silva (2010), em pesquisa sobre consenso de espécies

frutíferas conhecidas por pescadores pantaneiros. Para Bernard (2006) e Weller (2007), diferenças nas respostas dos informantes também podem ocorrer pelo fato de alguns serem mais competentes em determinados domínios e menos em outros.

A baixa similaridade apresentada entre os três domínios expressa o amplo conhecimento sobre o uso da biodiversidade vegetal e permite verificar que as espécies pertencentes a cada domínio são bem delimitadas pelos informantes, ainda que algumas estejam presentes em mais de um domínio. Moreira e Guarim-Neto (2009) indicaram que em comunidades tradicionais do cerrado uma espécie pode ser incluída em mais de uma categoria de uso, devido ao amplo conhecimento das comunidades tradicionais do potencial uso da biodiversidade.

Conclui-se que a comunidade de Limpo Grande organiza o CET da vegetação em três domínios de acordo com o uso, o que é confirmado pela análise de consenso cultural e NMDS. A baixa similaridade entre os três domínios indica que os critérios estabelecidos para classificação estão bem definidos na comunidade, sendo reflexo do amplo conhecimento sobre a diversidade vegetal, o que provavelmente possibilitou o desenvolvimento de processos de uso e manejo adaptativo ecológico da biodiversidade. O diálogo entre o conhecimento ecológico tradicional e o conhecimento científico pode contribuir para desenvolver estratégias de manejo e para a elaboração de políticas públicas destinadas à conservação da biodiversidade ecológica e cultural.

REFERÊNCIAS

AMARAL, C. N.; GUARIM-NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008.

ANGIOSPERM PHILOGENY GROUP (APG) III. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. **Botanical Journal of the Linnean Society**, p. 105-121, 2009.

BERKES, F.; COLDING, J.; FOLKE, C. Rediscovery of traditional ecological knowledge as adaptive management. **Ecological Applications**, v. 10, n. 5, p. 1251-1262, 2000.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches**. Lanham: Altamira Press, 2006. p. 299-316.

BERTSCH, C.; VOGL, R. C.; SILVA, J. C. Ethnoveterinary medicine for cattle and horses in the northern Pantanal Matogrossense, Brazil. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ETHNOBOTANY, 4., 2006, Istanbul. **Anais...** Istanbul: Ege Yayinlari, 2006. p. 233.

BORGATTI, S. P. **ANTHROPAC 4.0**. Natick: Analytic Technologies, 1996a.

BORGATTI, S. P. **ANTHROPAC 4.0: methods guide**. Natick: Analytic Technologies, 1996b.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Secretaria-Geral. **Projeto RADAMBRASIL**. Folha SE-21 Corumbá; Geologia, Geomorfologia, Pedologia, Vegetação e Uso Potencial da Terra. Rio de Janeiro, 1982. (Levantamento de Recursos Naturais, 27).

CAULKINS, D.; HYATT, S. B. Using consensus analysis to measure cultural diversity in organizations and social movements. **Field Methods**, v. 11, n. 1, p. 5-26, 1999.

CRUZ-GARCIA, G. S.; PRICE, L. Ethnobotanical investigation of 'wild' food plants used by rice farmers in Kalasin, Northeast Thailand. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 7, p. 7-33, 2011.

CUNHA, C. N.; JUNK, W. J. Composição florística de capões e cordilheiras: localização de espécies lenhosas quanto ao gradiente de inundação no Pantanal de Poconé-MT. In: SIMPÓSIO DE RECURSOS NATURAIS E SOCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 3., 1999, Corumbá. **Anais...** Corumbá: EMBRAPA, 1999. v. 2, p. 134-148.

FIDALGO, O.; BONONI, V. L. R. **Técnicas de coletas, preservação e herborização de material botânico**. São Paulo: Instituto de Botânica, 1989.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. A. B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 10, n. 1, p. 48-59, 2012.

GALDINO, Y. S. N.; DA SILVA, C. J. A casa pantaneira – moradia tradicional de uma comunidade ribeirinha do Pantanal Matogrossense. In: ENCONTRO NACIONAL/ENCONTRO LATINO AMERICANO SOBRE EDIFICAÇÕES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS, 4./2., 2007, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: ANTAC, 2007. p. 1276-1285.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 395-406, 2010.

GRANT, K. L.; MILLER, M. L. A cultural consensus analysis of marine ecological knowledge in the Solomon Islands. **SPC Traditional Marine Resource Management and Knowledge Information Bulletin**, n. 17, p. 3-13, 2004.



- HANAZAKI, N. Etnobotânica. In: BEGOSSI, A. (Org.). **Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: HUCITEC/NEPAM-UNICAMP/NUPAUB-USP, 2004. p. 37-57.
- JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. **Lista de espécies da flora do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 9 jul. 2013.
- JESUS, N. Z. T.; LIMA, J. C. S.; SILVA, R. M.; ESPINOSA, M. M.; OLIVEIRA, M. D. T. Levantamento etnobotânico de plantas popularmente utilizadas como antiúlcera e antiinflamatórias pela comunidade de Pirizal, Nossa Senhora do Livramento-MT, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n. 1A, p. 130-139, 2009.
- KAUAI DECLARATION. Ethnobotany, the science of survival: a declaration from Kaua'i. **Economic Botany**, v. 61, n. 1, p. 1-2, 2007.
- LEONEL, T. Breves considerações a respeito dos conhecimentos tradicionais como bens culturais imateriais. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, n. 7, p. 185-192, 2010.
- LÖBLER, L.; SANTOS, D.; RODRIGUES, E. S.; ZAMBERLAN, N. R. S. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no bairro Três de Outubro da cidade de São Gabriel, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Biociência**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 81-89, 2014.
- MORAIS, F. F.; DA SILVA, C. J. Etnoecologia de plantas nativas na comunidade de estirão comprido, pantanal matogrossense – Brasil. **Revista de Ciências Agro-Ambientais**, v. 9, n. 1, p. 13-30, 2011.
- MORAIS, F. F.; DA SILVA, C. J. Conhecimento ecológico tradicional sobre as fruteiras para pesca na comunidade de Estirão Comprido, Barão de Melgaço – Pantanal Matogrossense. **Biota Neotrópica**, v. 10, n. 3, p. 197-203, 2010.
- MORAIS, F. F.; MORAIS, R. F.; DA SILVA, C. J. Conhecimento ecológico tradicional sobre plantas cultivadas pelos pescadores da comunidade Estirão Comprido, Pantanal Matogrossense, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 4, n. 2, p. 277-294, 2009.
- MOREIRA, D. L.; GUARIM-NETO, G. Usos múltiplos de plantas do cerrado: um estudo etnobotânico na comunidade Sítio Pindura, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**, n. 27, p. 159-190, 2009.
- PEREIRA, Z. V.; FERNANDES, S. S. L.; SANGALLI, A.; MUSSURY, R. M. Usos múltiplos de espécies nativas do bioma Cerrado no Assentamento Lagoa Grande, Dourados, Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 7, n. 2, p. 126-136, 2012.
- REBELLATO, L.; CUNHA, C. N. Efeito do “fluxo sazonal mínimo da inundação” sobre a composição e estrutura de um campo inundável no Pantanal de Poconé, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 19, n. 4, p. 789-799, 2005.
- SHACKEROFF, J. M.; CAMPBELL, L. M. Traditional ecological knowledge in conservation research: problems and prospects for their constructive engagement. **Conservation and Society**, v. 5, n. 3, p. 343-360, 2007.
- SILVA, N.; LUCENA, R. F. P.; LIMA, J. R. F.; LIMA, G. D. S.; CARVALHO, T. K. N.; SOUSA JÚNIOR, S. P.; ALVES, C. A. B. Conhecimento e uso da vegetação nativa da caatinga em uma comunidade rural da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão, Nova Série**, v. 34, p. 5-37, 2014.
- THOMAS, E.; VAN DAMME, P. Plant use and management in homegardens and swiddens: evidence from the Bolivian Amazon. **Agroforestry Systems**, v. 80, n. 1, p. 131-152, 2010.
- TOLEDO, V. M. What is Ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline. **Etnoecológica**, v. 1, n. 1, p. 5-21, 1992.
- VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S.; NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazonica**, v. 44, n. 4, p. 457-472, 2014.
- VITALINI, S.; TOME, F.; FICO, G. Traditional uses of medicinal plants in Valvestino (Italy). **Journal of Ethnopharmacology**, v. 121, n. 1, p. 106-116, 2009.
- VOGL, C. R.; VOGL-LUKASSER, B.; PURI, R. K. Tools and methods for data collection in ethnobotanical studies of homegardens. **Field Methods**, v. 16, n. 3, p. 285-306, 2004.
- WELLER, S. C. Cultural consensus theory: applications and frequently asked questions. **Field Methods**, v. 19, n. 4, p. 339-368, 2007.
- WELLER, S. C.; ROMNEY, A. K. **Systematic data collection: qualitative research methods series**. Newbury Park: Sage Publications, 1988. v. 10.
- ZUCHIWSCHI, E.; FANTINI, A. C.; ALVES, A. C.; PERONI, N. Limitações ao uso de espécies florestais nativas podem contribuir com a erosão do conhecimento ecológico tradicional e local de agricultores familiares. **Acta Botanica Brasilica**, v. 24, n. 1, p. 270-282, 2010.